

A AVALIAÇÃO EM DANÇA

ALLAN MOSCON ZAMPERINI¹; FLÁVIA MARCHI NASCIMENTO²

¹Bolsista do PIBID e aluno do curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas -
allanmoscon@gmail.com

²Orientadora – Coordenadora do PIBID-Subprojeto Dança da Universidade Federal de Pelotas -
flavia.marchi@hotmail.com

1 - INTRODUÇÃO

A avaliação em dança pode não ser uma tarefa fácil para o professor. Geralmente causa dúvidas sobre a maneira de aplicar, que pontos abordar; e como proporcionar corretamente uma reflexão que ajude o aluno a construir conhecimento sobre a arte do corpo, sem cair em um retorno rígido e podador.

No Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), sentimos a necessidade de pensar sobre essa etapa do processo de ensino, justamente para entender qual a sua função e necessidade dentro da escola e principalmente dentro do contexto de artes, especificamente dentro da dança. Compreender como são estabelecidos procedimentos de avaliação em dança no ambiente escolar, pode ser interessante para entender melhor essa etapa dentro do processo de ensino desta área das artes cênicas.

A dança é recente na escola e, não é considerada uma disciplina independente, pois ainda está inserida dentro da grande área de artes. Porém, seu conteúdo já é obrigatório, embora ainda existam muitos preconceitos sobre o fazer da dança no ambiente escolar. Um dos fatores importantes para que se construa o entendimento do ensino-aprendizado de uma área de conhecimento é o processo de avaliação, sendo importante para o seu reconhecimento. Para que a Dança cresça na escola, acredito que seja preciso estabelecer procedimentos de avaliação consistentes e fundamentados. Portanto, é de imensa importância tratar esse tema para o atual quadro da dança no ambiente do ensino formal.

Para entender este processo avaliativo durante o trabalho, tentaremos sumbrilhar as principais formas de avaliação pedagógica, a fim de debater as relações que existem com as especificidades do fazer da dança. E por fim, localizar possíveis procedimentos de avaliação pedagógica em dança.

2 - METODOLOGIA

Esta pesquisa de caráter qualitativa, de cunho exploratório, se caracteriza como um estudo bibliográfico através da análise de obras de autores que exploram o tema na grande área de artes, PINTO (2012); e especificamente em Dança, tais como MARQUES e BRAZIL (2012), e SILVA (2013). Também abordamos autores como FERNANDES (2012) e VALE (2005) que trazem noções sobre os principais processos e métodos avaliativos empregados no ensino formal. E por fim, trazemos MACHADO (2002) que aborda o diário de bordo como uma ferramenta para o pesquisador em artes cênicas e que acreditamos que seja interessante relacionar com o universo do ensino de dança na escola.

3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Se forem considerar as três formas de avaliação mais conhecidas, que são: a avaliação formativa, a diagnóstica e a sumativa, será que uma caberá melhor para ser aplicada em uma situação de avaliação em dança?

A avaliação formativa acontece durante o processo de ensino aprendizagem, apontando assuntos não apreendidos e direções que o educador pode tomar. Seria importante que não fosse quantificada por notas e sim por comentários e apreciações. A avaliação diagnóstica possui um caráter de identificação de pontos de partida a partir de uma análise de informações coletadas em observações do grupo. Por fim, a avaliação sumativa geralmente é quantificada por números e acontece no final dos períodos letivos com o intuito de avaliar um conjunto de conteúdos desenvolvidos (VALE, 2005).

Acreditamos que primeiramente, para estabelecer um sistema de avaliação, é preciso levar em conta diversos pontos:

A escolha dos métodos e instrumentos de avaliação depende de vários factores: das finalidades e objectivos pretendidos, do que vai ser objeto de avaliação, da área disciplinar e nível de escolaridade a que se aplicam, do tipo de actividade em que o desempenho se manifesta, do contexto e dos próprios avaliadores. (FERNANDES, 2002)

Portanto, usar uma metodologia sumativa, por exemplo, requer um estudo preliminar sobre o que se quer com tal recurso avaliativo. Acreditamos que inserir uma metodologia como essa em um processo de ensino-aprendizagem de dança é complexo. Uma pedagogia em prol da reprodução, talvez seja pertinente, mas será que para formar cidadãos autônomos é necessário acumulação de conhecimento sem uma reflexão crítica?

Quando o professor avalia uma produção artística de um aluno, é pertinente ele estar partindo do contexto em que o avaliado se encontra? Muitos exigem do aluno conhecimentos acumulados e conceitos decorados, sem que ele tenha feito uma reflexão ou colocado em prática determinado tema. Ou seja, alguns professores esquecem que construir práticas a partir do aluno, de um desejo deste, de suas subjetividades pode ser mais rico e prazeroso. Conforme Marques (2012, p.124):

Antes de ignorar ou julgar a arte à qual os estudantes estão expostos em sociedade, o professor de Arte deve aproveitá-lo como ponto de partida, ponto de trabalho, ponto de chegada a ponto de articulação e transformação com o qual pode tecer redes de conhecimento a ser trabalhado na escola.

A arte possui um processo diferente, no qual a reprodução em série não acontece. Às vezes, um artista demora bastante tempo para terminar uma obra. A arte pode ser um campo interessante para entender a avaliação formativa, já que este formato já é bem familiar dentro da área.

Assim, o professor pode estabelecer uma avaliação formativa, na qual possa fazer ligações entre o que os estudantes têm familiaridade e os conteúdos específicos de determinado tema. Uma avaliação proposta em rede de ligações que une as lacunas e forma um conhecimento consistente sobre algo ao longo do processo. Assim, professor e aluno ganham ao colocarem em relação suas subjetividades:

Assim como outras disciplinas da área das humanidades presentes no currículo escolar, o ensino de arte se configura como um campo de ensino aberto, que analisa visões subjetivas. Deste modo, um exercício que o professor de arte propõe, habitualmente não é aquele que tem apenas uma resposta certa, assinalada através de um x ou prescrita em um gabarito; mas sim a reflexão do aluno, desenvolvida através de uma subjetividade pessoal. Sua avaliação, por conseguinte, segue este mesmo preceito, é subjetiva e pretende repensar também a prática do professor (PINTO, 2012, p.30)

Uma forma de estabelecer esta rede de ligações talvez seja o estabelecimento de um ambiente propício para a avaliação formativa. O modelo tradicional de sala de aula pode não ajudar neste formato. É preciso pensar em esquemas mais horizontais, no qual o professor esteja para propor e não cartear notas a cumprir.

O conhecimento adquirido não parte apenas de acumulação de repertórios e vocabulários específicos de dança, mas de uma metodologia que possibilite o aluno a pensar sobre aquilo que está fazendo. Assim, “A arte na escola garante não somente a sistematização do conhecimento, mas também um processo contínuo de ação-reflexão-ação” (MARQUES, 2012). O aluno ao refletir sobre aquilo que fez e ter oportunidade de remodificar, remodelar, refazer, sem dúvidas, terá outro olhar, agora com maior propriedade e consistência.

A possibilidade de poder ver o que o outro, o colega, está fazendo, e como está se dando o processo dele, também pode ser bastante interessante no processo de avaliação de todos. Ver o que o outro percebe é uma forma de incluir outras visões dentro do próprio trabalho.

Um instrumento interessante que pode fazer parte dessa reflexão sobre instrumentos de avaliação em dança, é a utilização de diários de bordo na construção dos trabalhos. Isso, além de ser uma forma de registro, possibilita o estudante a olhar para o processo que fez, “O Diário de Bordo é a compilação de todas as anotações que um encenador-criador faz durante a escritura, montagem e encenação do espetáculo sobre o qual, futuramente, sua dissertação ou tese vai tematizar e discutir” (MACHADO, 2002).

Trazendo o trecho acima para o contexto do ensino de dança na escola, o diário de bordo pode ser um registro que possibilite o aluno gravar as suas impressões e futuramente poder revisita-las, avaliá-las e poder encontrar novas possibilidades em um processo de auto-avaliação. Este desenrola-se através de um processo constante e que tem relação com o que SILVA (2013, p.12) diz, “considerando o corpo maleável e em constante transformação, pode ser uma lente útil para diluir o certo-errado e entender a avaliação como um processo paulatino e não pontual”.

4 – CONCLUSÕES

É importante desenvolver no aluno a consciência de autoeducar-se, ou seja, procurar pelo preenchimento de suas próprias lacunas. Isso é importante, justamente para formar cidadãos mais comprometidos com a sua autoeducação, possibilitando assim a formação de uma sociedade com indivíduos autônomos. Dentro da disciplina de dança, esse princípio é fundamental, pois pode proporcionar a formação de indivíduos com consciências capazes de perceberem que a expressão de significados com seus corpos-mentes é latente e muito importante para estabelecer relações enquanto sociedade.

Essa possibilidade pode ser alcançada com instrumentos pedagógicos, nos quais seja possível instaurar o desejo dos educandos pela pesquisa dos conteúdos que são postos em estudo. Assim, o aluno vai criando seu repertório de instrumentos capazes de contribuir para suas dramaturgias individuais e consequentemente da apropriação de poéticas próprias.

Desenvolver esta capacidade no aluno é fazer com que este perceba que é autor de suas produções, que pode agir sobre. Ele pode entender que o professor é seu companheiro e que vai lhe ajudar, e não como um “general” esbanjando ordens e direcionamentos desgastantes. Em uma aula de dança, seguir o fluxo que a própria natureza desta área exprime, enriquece as relações professor-aluno, possibilitando o encontro de uma qualidade orgânica no processo de aprendizagem entre todos.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

MARQUES, Isabel A; BRAZL, Fabio. **Arte em Questões**. São Paulo: Digitexto, 2012.

Artigos

FERNANDES, Margarida. **Métodos de Avaliação Pedagógica**. Avaliação das aprendizagens - das concepções às práticas. Lisboa: Departamento da Educação Básica, Ministério da Educação, 2002, p. 65-74.

MACHADO, Maria Marcondes. **O Diário de Bordo como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em artes cênicas**. Universidade de São Paulo. Revista Sala Preta. São Paulo. 2002.

SILVA, Bárbara Conceição Santos da. **Processos Avaliativos em Dança**. ANAIS DO III ENCONTRO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA: Comitê Dança em Mediações Educacionais – Maio/2013, 2013, Salvador. Anais...Salvador: UFBA, 2013.

Dissertações:

PINTO, Julia Rocha. **Processos Avaliativos em Mediação Cultural: A Postura Reflexiva das Ações Educativas**. 2012. 125f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2012, p. 19-35.

VALE, Maria Jorge Mendes Morão do. **Arte, Currículo e Avaliação: A Avaliação dos Alunos do 2ª Ciclo do Ensino Básico na Disciplina de Educação Visual e Tecnológica**. 2005. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Minho, Portugal, 2005.